

Sociedade civil e democracia brasileira

O GLOBO

15 ABR 1998

YVONNE BEZERRA DE MELLO

Lendo o artigo do general Nilton Cerqueira publicado neste jornal e como representante de uma ONG no Rio de Janeiro, não pude deixar de me indignar com suas palavras pejorativas ao nosso trabalho. O general não gosta da sociedade civil organizada e gostaria que o Brasil retornasse aos tempos das administrações ditatoriais.

Não devemos esquecer que quem está construindo a democracia brasileira não são só os políticos que aí estão, muitos deles como o general, parceiros do regime militar e que se escondem sob o manto de "democratas". É por causa deles que o nosso país tem hoje graves problemas sociais e uma vergonhosa concentração de renda. Enquanto estiveram no poder, destruíram nosso orgulho de ser pátria, afogando toda uma geração no negrume da ignorância e da não-participação. Eles continuam aessos a críticas e como não podem mais prender nem torturar tentam invalidar nosso trabalho com denúncias vãs.

Temos tido muita dificuldade para fazer o país avançar no campo dos direitos humanos, denunciando e sendo testemunhas das arbitrariedades e das barbáries que ainda se cometem contra o cidadão em solo brasileiro. Somos nós, organizações patriotas em conjunto com a mídia, que fazemos com que assassinos e corruptos sejam alvo de repulsa da sociedade, obrigando o poder a agir e a melhorar os mecanismos que permitam sua punição.

Os fantasmas dos regimes de força ainda pairam sob nossas cabeças e no caso das polícias a conduta da sua banda po-

dre tem sido responsável pela maioria dos crimes hediondos e chacinas cometidos neste país. Quase a totalidade desses crimes ainda não chegou aos tribunais, alimentando a impunidade. Continuamos a não ter uma polícia inteligente e investigativa.

Todos sabemos que a desmilitarização da Polícia Militar é absolutamente necessária mas o lobby corporativista falou mais alto. O projeto de lei que prevê mudanças nas polícias jaz numa gaveta do Congresso. A falta dessa polícia preparada e mais ética foi responsável pelo assassinato de mais de 20 mil jovens na cidade do Rio de Janeiro nos últimos 15 anos. Jovens civis e militares que enlutaram a Nação. O narcotráfico e o contrabando de armas não são combatidos como devem ser porque o dinheiro fácil das propinas é mais forte do que a lei. E assim vamos vivendo numa estrutura caótica perpetuada por elementos que ainda não aprenderam a respeitar os ideais democráticos.

Já há algum tempo as tropas do general sobem os morros do Rio com a ordem de matar e de denegrir a imagem daqueles que, como eu, trabalham duramente nas comunidades por um país mais justo e mais igual. É a velha tática da guerrilha armada e verbal que tem consequências desastrosas para a sociedade, como os tiros que se espalham pela cidade todos os dias, deixando-nos num estado de pavor constante.

Culpar as ONGs pelo fracasso da poli-

tica de segurança do estado revela bem o desespero de quem não conseguiu diminuir a violência da nossa metrópole enquanto comandou as forças da Polícia Militar. Infelizmente, a violência urbana aumenta em todos os estados brasileiros e não vai melhorar enquanto os governos e seus secretários de Segurança não mudarem sua mentalidade. O país está perplexo com a escolha do novo ministro da Justiça, uma pasta crucial para o bom andamento dos direitos humanos no país. O escolhido não é jurista, nunca militou na área social e nunca se importou com os sem-terra. Suas declarações não diferem daquelas do general e tudo indica que vamos ver nos próximos meses a violência aumentar no campo e nas cidades.

... as tropas do
general sobem
os morros (...)
com a ordem
de matar ...

E são os generais-deputados e os ministros pouco qualificados que defendem os interesses do povo brasileiro no Congresso e no Executivo. Não é dessa maneira que teremos um país pacífico e com pleno desenvolvi-

mento.

As organizações não-governamentais têm feito o seu papel em muitas áreas no Brasil e no mundo. Somos educadores preparando as massas para se desenvolverem dentro do respeito mútuo, cientes dos seus direitos e deveres. Somos os vigilantes no cumprimento das leis. Denunciamos os atos anticonstitucionais dos governos e das instituições. Defendemos a fauna e a flora do mundo quando os governos ou cidadãos deixam queimar suas florestas ou querem dizimar espé-

cies. Somos propagadores da plena cidadania. Muitas das leis que hoje vigoram no mundo foram frutos da parceria dos governos com a sociedade civil. Tudo o que fazemos em prol da Humanidade contraria os interesses daqueles que não querem perder seus privilégios, que não aceitam a democracia, que querem continuar a usar a força e não a inteligência para minimizar problemas de ordem social e urbana. Contrariam também aqueles que aprenderam a fazer política de maneira populista e fisiológica, daqueles que querem preservar o coronelismo e a política de apadrinhamentos e de troca de benesses na política brasileira.

Apesar das dificuldades, continuaremos a fazer o nosso trabalho de formiguinha na construção de uma casa sólida para milhões de brasileiros que ainda são marginalizados. Continuaremos a preparar os adultos, os jovens e as crianças deste país para que eles se tornem cidadãos responsáveis, bem informados e conscientes. Só assim chegaremos ao dia em que seremos capazes de, pelo voto democrático, eliminar dos governos ou do Legislativo elementos que não rezem pela cartilha da democracia. Só assim conseguiremos construir um Brasil grande e mais justo. O número de brasileiros conscientes da sua importância como cidadãos cresce todos os dias. É esse exército da paz que, de cabeça erguida, bradará aos ainda seguidores de um capítulo da nossa História que não queremos que volte jamais:

"Não passarão."

YVONNE BEZERRA DE MELLO é vice-presidente da Casa da Cidadania.